

SOBRE A PROVIDÊNCIA, AS OBRAS DE DEUS E A LIBERDADE HUMANA

Eduardo Leandro Alves¹

RESUMO

O objetivo desse artigo é apresentar, por meio de uma visão teológica pentecostal assembleiana a relação que há entre a providência, as obras de Deus e a liberdade humana. Objetiva-se a mostrar que a providência e o livre arbítrio humano não são excludentes, mas na verdade se relacionam entre si, tendo no próprio Deus o garantidor da liberdade. O método histórico-gramatical, associado a proposta da lógica em Norman Geisler nos oferece as bases da pesquisa.

Palavras chaves: Providência. Obras de Deus. Liberdade humana

ABSTRACT

The purpose of this article is to present, through a Pentecostal theological vision of the Assembly, the relationship that exists between, works of God and human freedom. It aims to show that providence and human free will are not exclusive, but in fact are related to each other, having in God himself the guarantor of freedom. The historical-grammatical method, associated with the proposal of logic in Norman Geisler offers us the bases of the research.

Key words: Providence. Works of God. Human freedom

Introdução

A providencia divina é, antes de tudo, verdade de fé que os seres humanos aprendem de Deus no percurso da história. Além disso, toda a Escritura Sagrada é permeada pela ideia da providência, que, ao ser analisada, nos apresenta Deus como incomparável a qualquer outra divindade que exista nas diversas religiões atuais, de gerações passadas, ou que a criatividade humana ainda criará.

O objetivo desse pequeno artigo é apresentar a visão teológica da providência de Deus e como ela se relaciona com a liberdade humana. A leitura será feita a partir da compreensão de um teólogo pentecostal, a saber assembleiano. Por que é necessário fazer essa distinção? Porque um teólogo pentecostal assembleiano, via de regra, terá uma compreensão distinta da relação entre a providência, decretos, as obras de Deus e a liberdade humana em relação à interpretação feita pelos nossos irmãos Reformados.

¹ Doutor e Mestre em Teologia pela Faculdades EST, São Leopoldo, RS. Pastor na AD em João Pessoa, PB. Diretor do CETAD-PB (Centro de Estudos teológicos da Assembleia de Deus). Contato: eduleandroalves@hotmail.com

As obras de Deus

Antes de qualquer coisa, devemos compreender que Deus é um Deus pessoal, de relacionamentos. Não podemos *esgotar* Deus, não podemos simplesmente defini-lo exaustivamente com os argumentos de mentes finitas como a nossa. Gosto da forma que a Teologia Sistemática, uma perspectiva pentecostal, organizada por Stanley M. Horton inicia o capítulo quatro sobre “O Deus Único e Verdadeiro”, texto de Russell E. Joyner, como segue:

Muitas teologias sistemáticas do passado tentaram classificar os atributos morais e a natureza de Deus. O Supremo Ser, porém, não se revelou simplesmente para transmitir-nos conhecimentos teóricos a respeito de si mesmo. Pelo contrário: a revelação que Ele fez de si mesmo está vinculada a um desafio pessoal, a uma confrontação e a oportunidade de o homem reagir positivamente a essa revelação. Isso fica evidente quando o Senhor se encontra com Adão, com Abraão, com Jacó, com Moisés, com Isaías, com Maria, com Pedro, com Natanael e com Marta.²

Deus é o Deus pessoal, de relacionamentos; um Deus trino que vive em harmonia perfeita. Esse relacionamento também pressupõe a confiança, fé que o ser humano deposita em Deus e a plena confiança nas Suas obras. Para seguir em nossa proposta, é necessário entender o que a Declaração de Fé das Assembleias de Deus diz sobre as obras de Deus.

A Bíblia ensina que o universo foi planejado por Deus antes de ser criado (Jo 17.5; Tt 1.2; Ap 13.8). Planejamento, origem e manutenção de todas as coisas no céu e na terra envolvem governo e preservação de toda a criação. Tudo foi criado com propósito: “Segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Ef 3.11). Deus trouxe o universo à existência do nada e de maneira instantânea, pela sua soberana e livre vontade (Sl 33.9; Hb 11.3; Ap 4.11). Os decretos ou conselhos divinos são o plano eterno e imutável de Deus claramente revelados nas Escrituras; dizem respeito à vontade e ao propósito de Deus, tais como a criação (Is 45.12), a encarnação do Verbo (Jo 6.29), a eleição de Jesus como Salvador (Is 42.1; Lc 9.35) e a eleição de Israel e da Igreja (Dt 7.6; 1Pe 2.9). Trata-se de deliberações absolutas que nasceram do desígnio e propósito do Deus Trino na eternidade e que independem da ação humana ou qualquer outro ser no Universo (Sl 135.6). Ninguém é capaz de frustrar esses desígnios de Deus: “Bem sei que tudo podes, e nenhum dos seus pensamentos pode ser impedido” (Jó 42.2) ou “e nenhum dos teus planos podem ser frustrados” (ARA). A providência divina é atividade de Deus na preservação, concorrência e governo de todas as criaturas e de tudo o que ocorre na criação até o seu destino final. A preservação é o cuidado divino em conservar e manter todas as coisas criadas: “sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder” (Hb 1.3). Isso inclui o homem na providência divina, bem como os demais seres vivos, sejam eles animados ou inanimados, e toda a natureza (Mt 6.26,28-30). Deus cuida de todos os seres vivos, desde a estrutura mais simples até a mais complexa (Ne 9.6; Sl 145.16). O mundo

² JOYNER, Russel E. O Deus único e verdadeiro. In: HORTON, Stanley M. *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p. 125.

não subsistiria sem o cuidado e a vontade preservadora de Deus. É também nesse sentido que opera a concorrência (At 17.25). Por seu turno, o governo divino não é um controle meticuloso (Jr 7.31; Jó 42.7) ao ponto de excluir a vontade humana; o seu reger por direito fixa limites a essa liberdade: “porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos (At 17.28).”³

Deus se revela na natureza de duas formas básicas: como Criador e como Sustentador. Ou seja, Ele é tanto a causa da origem quanto da operação do universo. Nesse caso, Deus é o originador de todas as coisas: “porque nele foram criadas toda as coisas” e “todas as coisas subsistem por ele (Cl 1.16,17). Deus fez o mundo e também “sustenta toda as coisas pela palavra do seu poder” (Hb 1.2,3). Ele criou todas as coisas e por vontade dele todas as coisas “foram criadas” (Ap 4.11).

A providência Divina

Como originador e sustentador de todas as coisas Deus não esteve ativo somente na origem do universo, mas também continua ativo no presente, na continuidade do universo. Em relação a essa contínua (e ininterrupta) ação de Deus, o salmista declara: “Tu que nos vales fazes rebentar nascentes que correm entre os montes [...] Ele faz crescer a erva para os animais e verdura, para o serviço do homem, para que tire da terra o alimento” (Sl 104.10,14).⁴

Dentro da compreensão sobre a “providência divina” há as ações praticadas por Deus, nas quais ele tem responsabilidade soberana e também as quais, embora ele as permita que aconteçam, não é responsável por elas. Assim, torna-se possível concluir que Deus nem é autor do mal nem é a causa derradeira do pecado.

Não apenas a própria natureza de Deus e das coisas propriamente ditas, mas, igualmente, as Escrituras e a experiência, tudo mostra, evidentemente, que a providência pertence ao Senhor.

Porém, a providência indica alguma propriedade de Deus, e não uma qualidade, ou capacidade, ou hábito; antes, é um ato que não é *ad intra* nem interno, mas que é *ad extra* e externo, e que diz respeito a um objeto diferente de Deus, e que não está unido a Ele desde toda a eternidade, em seu entendimento, mas separado e, sem dúvida, existente. [...] A providência pode ser definida como a poderosa e contínua inspeção e supervisão de Deus, segundo a qual Ele exerce um cuidado geral por todo o mundo e cada uma das criaturas, bem como suas paixões, de maneira que é conveniente para Ele mesmo, e adequada a suas criaturas, para seu benefício, em especial o dos homens piedosos, para uma declaração de perfeição divina.⁵

³ SILVA, Esequias Soares. *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. 2017, p. 35,36.

⁴ GEISLER, Norman. *Teologia Sistemática*. vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2010. 2010, vol. 1, p. 61.

⁵ ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. vol. 2. Rio de Janeiro, 2015, p. 65.

Há dois extremos a serem evitados: o determinismo e o teísmo aberto. A Bíblia afirma tanto a liberdade do livre-arbítrio humano, como a realidade da presciência divina. O que isso quer dizer? Quer dizer que Deus sabe de todas as coisas antes de todas as coisas acontecerem sem precisar determinar todas as coisas. É verdade que aos menos atentos é complicado conciliar a presciência com o livre-arbítrio. Da falta de equilíbrio em entender e conciliar tais posições, surgem os extremos: 1) sustentar a presciência divina colocando em detrimento a liberdade humana e 2) sustentar a liberdade humana em detrimento da presciência divina.⁶ A primeira possibilidade nós a conhecemos como Calvinismo e a segunda como Teísmo Aberto. O Teísmo Aberto defende que Deus se relaciona intimamente com o homem, em detrimento de sua onisciência que seria prejudicada com a dádiva do livre arbítrio; Deus saberia o futuro, mas não todo o futuro, pois esse futuro ainda não teria existência na presença de Deus, dado o livre arbítrio do homem concedido por Deus.

Onisciência independente de predeterminação

Podemos dizer que o fato de Deus ser eterno e transcendente implica uma onisciência que independe de predeterminação. Está claro no texto bíblico as afirmações sobre a eternidade e a transcendência divinas, significando que Deus transcende o espaço e o tempo, visto que Deus é o criador do tempo ele não sofre a ação do tempo e nem é limitado pelo espaço. Assim, se Deus está além do tempo e do espaço, não apenas preenchendo mas transcendendo-os,⁷ Deus vive em um eterno presente, conhecendo o passado e o futuro dos seres humanos diariamente e simultaneamente. Ele sabe o que é o nosso passado, nosso presente e o futuro, tudo está diante dele.

Silas Daniel na sua excelente obra “Arminianismo e a mecânica da salvação”, apresenta diversos argumentos, a partir do texto bíblico e de expoentes, desde filósofos e teólogos cristãos que se debruçaram desde muito cedo sobre esse tema, como por exemplo o caso do filósofo cristão Boécio que viveu entre 480 a 524 d.C., discutindo amplamente a questão do livre arbítrio e da presciência divina no capítulo V da sua obra “A consolação da Filosofia”. De forma fictícia, Boécio pergunta a Filosofia sobre o livre arbítrio, que prontamente responde que “nenhum ser dotado de razão poderia existir se não possuísse a liberdade e a capacidade de julgar”, e quanto mais a alma humana se aproxima de Deus, mas livre se torna. O contrário também é verdadeiro: quanto mais se afasta de Deus,

⁶ DANIEL, Silas. Arminianismo: a mecânica da salvação. ed. 2. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 391.

⁷ DANIEL, 2017, p. 392.

menos livre se torna, por ser levada pelos vícios, perde-se a razão, a capacidade de decidir.⁸

O contraste entre eternidade e tempo permite que nossos atos sejam logicamente anteriores ao que Deus prevê, mas cronologicamente posteriores. O fato de Deus ser atemporal significa que Ele, em sentido literal, nem mesmo precisaria prever o que está acontecendo, porque se tivesse que prever literalmente, Ele seria temporal. Deus como diz Boécio e C.S. Lewis, simplesmente vê o que está acontecendo com os seres que Ele criou. Ele não é pego de surpresa, porque, para Ele, não há passado nem futuro, só presente; logo, ele não viu o que aconteceu nem irá ver o que vai acontecer, mas Ele está vendo ao mesmo tempo o que para nós já aconteceu, está acontecendo e vai acontecer. Por isso que nossos atos são logicamente anteriores ao que Deus, no tempo, anuncia que irá acontecer, mas temporalmente posteriores a esse seu anúncio no tempo.

Em suma, à luz da eternidade e da transcendência divinas, não há logicamente qualquer incompatibilidade entre a presciência de Deus e o livre-arbítrio humano, duas verdades sustentadas amplamente pelas Sagradas Escrituras.⁹

Nesse caso, a própria onipresença de Deus, amplamente afirmada nas Escrituras, demonstra uma onisciência que independe de uma predeterminação de toda as coisas. Ou seja, Ele não precisa predeterminar todas as coisas para saber de todas as coisas que ocorrerão, visto que ele não está limitado ao tempo ou ao espaço, sua onipresença é espacial e temporal, Deus habitando simultaneamente em todos os lugares.

Nos dias do profeta Jeremias, os falsos profetas abundavam com promessas de paz e segurança. Eles falavam como se Deus nada soubesse a respeito das ações diárias dos habitantes de Judá. *“Esconder-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja? diz o SENHOR. Porventura não encho eu os céus e a terra? diz o SENHOR” (Jr 23.24)*

A onipresença de Deus apresenta o Seu conhecimento de tudo o que eles estavam fazendo. Não é somente o Seu poder e a Sua autoridade que preenche todo o céu e toda a terra, mas a Sua própria essência. Ele está presente em todos os lugares, e não há nenhum lugar em que Deus não esteja.

Se Deus existe, Ele deve estar em algum lugar. De acordo com as Escrituras, Ele está em toda a parte. Como Deus não é limitado pelo tempo, assim também Ele não é limitado pelo espaço. Entretanto, o ser humano muitas vezes limita a presença de Deus a um determinado lugar, no passado exemplifica-se isso com o templo dos Judeus, as montanhas, mas não nos vales. Daí as palavras dos servos do rei da Síria: “Seus deuses são deuses dos montes, por isso foram mais fortes do que nós; mas pelejemos com eles

⁸ DANIEL, 2017, p. 393.

⁹ DANIEL, 2017, p. 397.

em campo raso, e por certo veremos, se não somos mais fortes do que eles!” (I Reis 20. 23).

A consequência lógica da onipresença espacial é a onipresença temporal: Deus habita todos os lugares em todos os tempos simultaneamente. A própria e extraordinária onipresença de Deus implica sua onisciência e presciência. O fato de saber de tudo antes de tudo acontecer. Essa consciência deve causar temor e tremor ao ser humano, por isso é claro nas palavras que são repetidas às sete igrejas do Apocalipse: “Eu conheço as tuas obras”. Conhece não porque “ouviu de alguém”, mas porque Ele estava presente quando tais obras foram praticadas, dentro da liberdade concedida a humanidade!

Soberania de Deus e o livre-arbítrio

Pode-se falar inicialmente do determinismo causal, sendo que não seria uma doutrina originalmente cristã, pois as Escrituras enfatizam a liberdade do ser humano. Ainda sobre determinismo e liberdade, Antônio Porfírio¹⁰ resume de forma bem interessante o longo debate travado pela história do pensamento ocidental que dá-se entre as questões do determinismo e da liberdade. A princípio, se há determinismo, não há liberdade. Esse problema perpassou a filosofia patrística, por exemplo de Santo Agostinho.

Por um lado, o filósofo e teólogo Agostinho de Hipona defendia o dogma pós-determinista da vida vivida para Deus. Por outro lado, assim como o filósofo patrístico Boécio, Agostinho defendia o livre-arbítrio que Deus deu ao ser humano para seguir o seu caminho.

Se existe o bem e o mal e o ser humano é punido quando segue pelo caminho do mal, ele não pode estar predeterminado a agir dessa maneira por Deus, pois, se assim fosse, Deus seria mal e injusto. Para Agostinho, Deus deu as possibilidades: seguir com ele (e seguir uma forma de pós-determinismo), para alcançar o bem, ou afastar-se dele e alcançar o mal.

Outros teóricos resolveram esse problema modificando a noção de liberdade ou simplesmente afirmando que não há liberdade. Para o filósofo alemão contemporâneo Friedrich Nietzsche, por exemplo, não há liberdade completa. Há a possibilidade de mudança por meio da cultura, mas não há liberdade individual completa,

¹⁰ PORFÍRIO, Francisco. *Determinismo*; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/determinismo.htm>. Acesso em 25 de outubro de 2020.

pois há o que ele chamou de vontade de poder, que é um conjunto de forças cósmicas que movem a natureza e a vida.

Para o filósofo francês contemporâneo Gilles Deleuze, a liberdade não é livre escolha, e sim criação. Nesse sentido, há o determinismo (co-determinismo, na teoria desse filósofo) que não esbarra na liberdade individual, pois todo indivíduo tem capacidade de criar.

Para o filósofo francês contemporâneo e existencialista Jean-Paul Sartre, defensor da liberdade incondicional como elemento primordial do ser humano, não pode haver qualquer tipo de determinismo, pois, do contrário, não haveria liberdade, e a única certeza do ser humano é a liberdade.

Não há dúvida que os ataques realizados por Karl Marx, Friedrich Nietzsche e Jean-Paul Sartre contra Deus, em nome da “liberdade”, são dirigidos à concepção cristã sobre Deus. Tais ataques partem de uma compreensão excessiva nos poderes do ser humano e da sua liberdade, pois procuram afastar Deus depois de transformarem o ser humano em um “ser supremo”, artífice de si mesmo e criador dos próprios valores. Essas reivindicações podem ser encontradas facilmente nas obras dos tais pensadores citados.

No entanto, deve-se saber que o ser humano não é esse ser absoluto, causa última e exclusiva de si mesmo e por conseguinte dos seus próprios valores. Ao mesmo tempo, porém, é correto pensar que o ser humano possui o poder da liberdade graças a qual somos capazes de escolher vários projetos e realizá-los. Nessa condição, todos somos dotados de liberdade, mas de liberdade finita, pois como poderia se harmonizar a liberdade humana e a liberdade de Deus? Seriam duas liberdades antagônicas e rivais? Seria verdade a opinião de Sartre que se Deus existe o homem não pode ser livre?

Na minha opinião, é exatamente o contrário: se Deus não existe, aí é que o homem não pode ser livre. Sem a liberdade divina, a liberdade humana é inconcebível, como o finito é inconcebível sem o infinito, o imperfeito sem o perfeito, o contingente sem o absoluto. A liberdade humana tem no divino a sua origem primeira e o seu último fim, seu ponto Alfa e o seu ponto Ômega. [...] Sem a liberdade infinita de Deus, a liberdade finita do homem se despedaça de encontro a um destes recifes: o Destino ou o Acaso, que são exatamente os dois obstáculos que esmigalham a liberdade no mundo grego, romano e oriental. Só Deus, enquanto liberdade infinita, cria e, ao mesmo tempo, faz-se fiador daquela liberdade finita que ele doa ao homem e as outras criaturas espirituais.¹¹

¹¹ MONDIM, Batista. *Quem é Deus?* Elementos de teologia filosófica. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005, p. 393.

Nesse caso, Deus, com o seu poder, longe de ser um “cerceador” das liberdades humanas, é o seu único fiador garantido, pois é Ele quem confere o direito à razão para o ser humano realizar as suas escolhas, as suas decisões éticas.

Para os que negam o livre-arbítrio relacionado a salvação do ser humano há um paradoxo semelhante entre a predeterminação de Deus e a livre escolha do ser humano. É fato Deus já ter determinado o fim, desde o começo, tal qual Isaías nos deixou escrito: “Lembra-vos das coisas passadas da antiguidade: que eu sou Deus, e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade; que chamo a ave de rapina desde o Oriente e de uma terra longínqua, o homem do meu conselho. Eu o disse, eu também o cumprirei; tomei este propósito, também o executarei” (Is 46.9-11). E como Ele poderia ter escolhido os seus eleitos antes da fundação do mundo (Ef 1.4), quando vemos que a Bíblia também afirma que os seres humanos são livres para aceitar ou rejeitar o dom da salvação oferecido por Deus? Tais como textos de João 1.12: “Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome.” Ainda, 2 Pedro 3.9: “Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento.” Se Deus já determinou de forma prévia quem será ou não salvo, de que forma os seres humanos poderiam ter liberdade em suas escolhas?

A resposta a essa aparente contradição pode ser entendida na compreensão de como Deus predetermina eventos tais como esse. Vejamos, Deus não força o seu acontecimento contra o nosso livre-arbítrio, mas ao contrário, pré-determina que eles ocorram por meio de nosso livre-arbítrio. Assim, Deus não precisa fazer com que esses eventos ocorram, pelo fato que Ele pode vê-los ocorrendo do seu ponto de vista privilegiado na eternidade, fora do tempo e do espaço aos quais não está limitado. “O Deus da teologia ortodoxa é eterno, e não temporal. Portanto, Ele, na verdade, não olha *adiante* para o futuro; Ele simplesmente olha *para baixo* e o enxerga, já que ele está presente para Ele no seu eterno agora (como o grande EU SOU de Êxodo 3.14).”¹²

Sendo Deus quem Ele é, suas decisões são livres e determinadas ao mesmo tempo. Deus é autossuficiente, único e basta a si mesmo, mesmo sem precisar criar o mundo e

¹² GEISLER, 2010, p. 88.

seres livres, assim Ele o fez, conforme nos diz Apocalipse 4.11: “Pois tu criaste todas as coisas, e por tua vontade existiram e foram criadas”. Ao criar seres livres, Deus, por ser quem é, não os salvaria contra a vontade livre dos seres que Ele mesmo criou. “O amor de Deus age persuasivamente, não coercivamente (Pv 23.26; Jr 29.13). Logo, Ele proporcionou uma salvação universal e condicional. Ou seja, suas decisões são livres, mas determinadas pela sua natureza”.¹³

A liberdade é dada ao ser humano e com ela ele realiza o projeto de humanidade, mas somente a liberdade divina dá ao ser humano a verdadeira liberdade, a força de se sentir realizado. A fé cristã nos ensina que Deus fez o maior gesto de amor e de liberdade por meio da pessoa de Jesus Cristo. Deus, por meio da fé que o ser humano manifesta na pessoa de Jesus, nos remiu da maldição da lei, das cadeias do diabo e do flagelo da morte (Gl 3.13), nos tirando do reino das potestades das trevas e nos transportando para o reino do Filho do Seu amor (Cl 1.13,14). Enfim, verdadeiramente livres!

Objecções contra a providência

Geralmente as objeções que se levantam contra a providência dependem fortemente de uma compreensão fortemente antropomórfica que acaba-se por aplicar a providência. Ou seja, aplica-se em relação a Deus conceitos que são típicos da providência humana. O que se quer dizer com isso? Simples, para os seres humanos providenciar está atrelado a fazer previsões, antecipar, projetar, enquanto que em relação a Deus, toda ação (seja ela de criar ou providencial) tem lugar fora do tempo humano, pois coloca-se na eternidade, onde por conseguinte não cabe as definições humanas de tempo e espaço.

O erro do qual tem que se guardar, no conceito de providência divina é confundir-la com a ideia de providência na perspectiva humana ou com predeterminação. Mondin¹⁴ diz que de fato, “Deus age providencialmente, não preordenando ou prevendo, mas agindo intencionalmente, por finalidades bem precisas, de modo semelhante ao dos seres inteligentes quando realizam uma ação.” Assim a ação de Deus é vertical em relação aos fenômenos e ações. Dessa forma, trata-se, pois, de um prover totalmente especial, que é apenas de função semelhante ao prover humano, porém de origem distinta.

Vejamos, de forma resumida, objeções que se levantam contra a ideia da providência, como por exemplo, a questão do problema do mal.

¹³ DANIEL, 2017, p. 414.

¹⁴ MONDIN, 1997, p. 373.

Os oponentes da providência fazem da existência do mal, talvez, sua mais comum e frequente objeção. A ideia é que se a providência de Deus existisse, Deus não deveria tolerar os crimes monstruosos e as tragédias que se abatem diariamente sobre a humanidade. Como *equalizar* a providência com a existência de Hitler, Stálin, a Máfia, o tráfico de drogas, pedófilos e demais assassinos da pior espécie? A objeção ao mal há milênios tem ocupado as discussões e os pensamentos religiosos de muitas das maiores mentes da humanidade: o autor dos livros de Jó, Orígenes, Agostinho, Boécio, Anselmo, Tomás de Aquino, Pascal, Leibniz, etc.

O texto de Isaías 45.7, Deus diz: “Eu formo a luz e crio as trevas; faço a paz e crio o mal; eu, o Senhor, faço todas estas coisas.” Como devemos entender esse texto bíblico?

Muitos têm se utilizado desse texto de Isaías para se referir ao caráter de Deus como um ser mal, até sugerindo que o Deus do Antigo Testamento seja malevolente e vingativo, buscando fazer um contraste com Jesus, o bom e benevolente Deus do Novo Testamento. Obviamente, tais conclusões contradizem as Escrituras em sua totalidade, no caso, o mesmo Antigo Testamento nos diz que: “Bom e reto é o Senhor, por isso, aponta o caminho aos pecadores” (Sl 25.8), assim como o Novo Testamento afirma: “Não crês que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, faz as suas obras. Crede-me que estou no Pai, e o Pai, em mim” (Jo 14.10-11).

Ainda há os que se utilizam do mesmo texto de Isaías para afirmarem que Deus é um ser em “equilíbrio”, que é tanto bom como mal. Uma espécie de “yin-yang”, não é totalmente bom e nem totalmente mal, havendo um equilíbrio. No entanto, sabemos pela Bíblia sagrada que o Deus verdadeiro não é um conjunto de forças opostas. Ele é perfeitamente bom, e não contém nada de maldade, conforme nos diz o Apóstolo João: “Deus é luz, e não há nele treva nenhuma” (1 Jo 1.5).

Ainda há os que têm exagerado o conceito da soberania de Deus até o ponto de negar o livre arbítrio do homem. Segundo alguns sistemas de teologia, Deus decreta tudo, e o homem é impotente para resistir a vontade do Senhor. Pessoas com estas ideias afirmam que Deus predestinou cada pessoa para a salvação ou condenação, e que Jesus morreu somente para salvar as pessoas eleitas pelo capricho de Deus. No entanto, podemos dizer, pelas Escrituras, que Deus chama todos ao arrependimento (At 17.30) porque ele não quer que ninguém pereça (2 Pe 3.9). Cristo ordenou que os apóstolos pregassem a toda criatura, e prometeu a salvação àqueles que cressem e fossem batizados (Mc 16.15-16).

Mas e em relação ao texto de Isaías 45.7? Outros textos bíblicos nos auxiliam nessa compreensão. O fato é que Deus não criou o mal no sentido moral, conforme os Salmos e o texto do Apóstolo Tiago, apenas para fazer uma citação do Antigo e outra do Novo Testamento. “Pois tu não és Deus que se agrada com a iniquidade, e contigo não subsiste o mal” (Sl 5.4-5). Deus não tenta ninguém, pois ele é a fonte de “toda boa dádiva e todo dom perfeito” (Tg 1.13-17).

A palavra "mal" em Isaías 45.7 origina de uma palavra que pode ter vários sentidos. Neste contexto e em outros onde Deus faz ou traz o mal, a palavra significa "calamidade" ou "punição", sendo o oposto de paz. Deus usaria Ciro para “abater as nações” (Is 45.1). Já no capítulo 45.8, Deus promete salvação (paz) e justiça (punição ou mal). Outros trechos usam a mesma linguagem. Os males que Deus ameaçou trazer, por exemplo em 2 Reis 22.16 foram punições e calamidades. Josué 23.15, por exemplo, aparece a mesma palavra no original.

Conforme nos diz Stanley Horton,¹⁵ “o contraste aqui é entre ‘luz’ e ‘trevas’, por um lado e ‘paz’ (Heb. Shalom, incluindo bem-estar, saúde, integridade, harmonia, bênção, realização e prosperidade, especialmente prosperidade espiritual) e ‘mal’ (Heb. *ra'*) por outro.” A palavra hebraica *ra'* é uma palavra geral incluindo calamidade, qualquer coisa desagradável ou indesejável. Ela é usada algumas vezes a respeito do mal moral, mas Deus nunca é o criador do mal moral. Como um Deus santo, no entanto, Ele traz juízo e o juízo que Deus envia pode ser severo, até mesmo calamitoso aos olhos humano.

Então, Deus criou o mal? No sentido moral não. Mas sim, no sentido que um Deus justo e santo se afasta do pecador e o castiga por sua iniquidade. Mas Deus jamais criou o pecado, e não tenta ninguém.

Considerações Finais

A liberdade é dada ao ser humano e com ela ele realiza o projeto de humanidade, mas somente a liberdade divina dá ao ser humano a verdadeira liberdade, a força de se sentir realizado. A fé cristã nos ensina que Deus fez o maior gesto de amor e de liberdade por meio da pessoa de Jesus Cristo. Deus, por meio da fé que o ser humano manifesta na pessoa de Jesus, nos remiu da maldição da lei, das cadeias do diabo e do flagelo da morte

¹⁵ HORTON, Stanley M. *Isaías o profeta messiânico*. Rio de Janeiro: CPAD, 2013, p. 395.

(Gl 3.13), nos tirando do reino das potestades das trevas e nos transportando para o reino do Filho do Seu amor (Cl 1.13,14). Enfim, verdadeiramente livres!

REFERÊNCIAS

ARMÍNIO, Jacó. *As obras de Armínio*. vol. 2. Rio de Janeiro, 2015.

GEISLER, Norman. *Teologia Sistemática*. vol. 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

JOYNER, Russel E. O Deus único e verdadeiro. In: HORTON, Stanley M. *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

HORTON, Stanley M. *Isaías o profeta messiânico*. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

MONDIM, Batista. Quem é Deus? Elementos de teologia filosófica. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

SILVA, Esequias Soares. *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.